José Neres
Antonio Ailton Santos Silva

Na décima noite de Agosto

Discursos Acadêmicos

José Neres
Antonio Ailton Santos Silva

Na décima noite de agosto

Discursos Acadêmicos

Sãio Luís
2021

© Copyrigth by José Neres e Antonio Ailton Santos Silva

Esta obra pode ser distribuída livremente por todos os meios físicos e digitais, desde que seja preservada a autoria dos textos.

Projeto gráfico, diagramação e capa
José Neres

Revisão
dos autores

Imagens
Cedidas pelo público presente à cerimônia

Neres, José; Silva, Antonio Alton Santos.

No décimo dia de agosto: Discursos / José Neres, Antonio Ailton Santos Silva. - São Luís: Edições José Neres, 2021.

50 páginas

ISBN: 978-65-00-28944-2

1. Discurso. 2 Academia Ludovicense de Letras. I. Título.

Academia Ludovicense de Letras
- Casa de Maria Firmina dos Reis -

Diretoria Executiva

Presidente: Daniel Blume Pereira de Almeida
Vice-Presidente: Ceres Costa Fernandes
Secretária Geral: Jucey Santos de Santana
Primeiro Secretário: Aldy Mello de Araújo
Segundo Secretário: Bruno Tomé Fonseca
Primeiro Tesoureiro: Roberto Franklin Falcão Costa
Segundo Tesoureiro: Antonio Ailton Santos Silva

Sumário

Discurso de posse
José Neres 07

Discurso de recepção
Antonio Ailton Santos Silva 22
.
Artigo
Dagmar: lições de vida 35

Caderno iconográfico 39

Sobre os autores 47

Cadeira 38

Patrona:

Dagmar Destêrro e Silva

(Professora, poetisa, teatróloga, advogada, contista)

Primeiro ocupante:

José Neres

(Professor, contista, pesquisador, cronista)

Discurso proferido na noite de 10 de agosto de 2021, no auditório do Palácio Cristo Rei - São Luís - Maranhão

Discurso de Posse

Discurso de Posse

José Neres

Eleição em 22 de dezembro de 2020
Posse em 10 de agosto de 2021
Local: Palácio Cristo Rei - São Luís - MA

Prezado Senhor Presidente da Academia Ludovicense de Letras, doutor Daniel Blume;

Prezados confrades e prezadas confreiras desta e de todas as demais academias aqui presentes;

Caros amigos e familiares, meus e do agora duplamente confrade, doutor Jadir Lessa;

Caros convidados, caríssimas convidadas.

Hoje, nesta noite do dia 10 de agosto de 2021, mesma data do nascimento de pelo menos dois dos mais importantes e significativos nomes de nossa literatura: o poeta maranhense Gonçalves Dias, autor de alguns dos mais conhecidos poemas de nossa lírica, e Jorge Amado, autor de clássicos como *Gabriela, Cravo e Canela* e *Dona Flor e Seus Dois Maridos;* aniversário também da mais que centenária Academia Maranhense de Letras e desta bela e jovem Academia Ludovicense de Letras, oficialmente chego a esta casa onde, de alguma forma, sempre estive e onde sempre fui recebido com afeto, atenção e carinho.

Chego a esta Academia depois de percorrer um longo caminho no magistério, na pesquisa e nas lides com o texto escrito. Porém, mesmo já havendo percorrido este longo, tortuoso e às vezes áspero caminho, não chego aqui com sinais de cansaço ou de enfaro. Na verdade, entro pelos portais desta Instituição com uma bagagem repleta de alegria e de vontade de contribuir para o engrandecimento das letras de nossa Cidade, de nosso

Estado e de nosso País.

E, ao chegar, já me vejo como sempre me vi nos momentos em que estive nesta Casa do Conhecimento, que recebe também o nome de Casa de Maria Firmina dos Reis. Vejo-me cercado de amigos e de amigas. Aqui encontro ex-professores, ex-alunos, colegas de profissão, companheiros de diálogos sobre educação e literatura, pessoas com quem convivo há muitos anos e que têm residência fixa em meu coração. Posso então dizer que, mesmo antes desta cerimônia de posse, eu já me sentia em casa na Academia Ludovicense de Letras.

Ao ser eleito para esta Academia, no dia 22 de dezembro de 2020, recebi, entre outras missões culturais, a honra de ocupar uma cadeira que foi edificada sob o patronato da escritora, professora e advogada Dagmar Destêrro, sobre quem, a partir de agora, passo a tecer algumas considerações.

Dagmar Destêrro e Silva nasceu em São Luís do Maranhão, no dia 09 de setembro de 1925. Concluiu com louvor o bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais e licenciatura em Pedagogia. Foi professora e diretora do ensino primário, técnica em educação, chefe do Serviço de Patrimônio da União, professora, procuradora e vice-reitora da Universidade Federal do Maranhão. Jomar Moraes (1999, pág. 81) comenta que Dagmar Destêrro foi "o primeiro concludente laureado da Faculdade de Direito

e também obteve o primeiro lugar como licenciada em Pedagogia"

A escritora pertenceu aos quadros do Conselho Estadual de Cultura e participou ativamente de diversas instituições, como o Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, Centro Cultural Gonçalves Dias e Academia Maranhense de Letras, instituição na qual ocupou a Cadeira número 24, fundada por Joaquim Dourado e patroneada pelo polígrafo Coelho Neto.

Dona de uma vasta produção intelectual que inclui discursos, monografias, conferências e estudos teóricos, a escritora deixou para a eternidade, enfeixados em livros, os seguintes volumes, praticamente todos esgotados e clamando por reedições:

- *Recordando São Luís* (Poesia, 1953)
- *Conflito* (Teatro, 1956)
- *A vida de Benedito Leite para crianças* (1957)
- *Segredos Dispersos* (Poesia, 1957)
- *O resto é solidão... e espera* (Prosa poética, 1958)
- *Parábolas do sonho quase vida* (Poesia, 1973)
- *Pedra-Viva* (Poesia, 1979)
- *Poemas para São Luís* (Poesia, 1985)
- *Canto ao Entardecer* (Poesia, 1985)
- *Dois tempos em compasso de espera* (1991)
- *Seleta Poética* (Poesia, 1995)

É do livro *Seleta Poética,* pequeno volume cuidadosamente organizado pela Academia Maranhense de Letras, pela ocasião do septuagésimo aniversário da escritora, que retiro o seguinte trecho, que mostra um pouco do estro poético de nossa homenageada:

> Não basta apenas viver
> é preciso sentir a vida
> em sua essência;
> vivê-la em profundidade.
>
> Analisar as pedras do caminho
> e neste, observar os atalhos,
> aclives e declives
> pensar com realidade. (Pág. 25)

Ao longo de seus setenta e nove anos de vida, com mais de meio século dedicado à literatura, ao Magistério e ao Direito, Dagmar Destêrro recebeu inúmeros elogios com relação à sua produção literária. O poeta e acadêmico José Chagas chegou a dizer que ela "conquistou seu lugar entre os intelectuais maranhenses que não fazem literatura por mero diletantismo, mas por uma profunda imposição humana que nos obriga a viver mais para o espírito, cultivando no campo do sonho o ouro das grandes ideias" (in: DESTÊRRO, 1995, quarta capa).

Durante a cerimônia de posse na AML, o professor e historiador Mário Martins Meireles, em seu discurso

de recepção, disse que, em sua poética, Dagmar Destêrro era dona de "versos simples e por isso tanto mais belos", acrescentando que:

> Sua poesia não se preocupa com as regras de um esteticismo acadêmico e foge aos cânones escolásticos que exigiam a certeza da métrica e o rigor da rima, não chega a atingir o excesso de liberdade de que abusam os gênios na criatividade de um hermetismo que escapa à compreensão mediana e só se comunica aos iniciados de uma arte misteriosamente secreta. Não, sua poesia é encantadoramente singela e compreensível, é uma poesia que se lê e se sente porque fácil é saborear-lhe o gostoso das ideias, aspirar-lhe o oloroso da fantasia, admirar-lhe o vivaz dos matizes, é uma poesia plena de inspiração, cheia de amor e tocada de angústia (SILVA; MEIRELES, 1976, pág. 30-31).

Nessas poucas palavras, porém certeiras palavras, o autor de História do Maranhão delineia alguns traços bastante peculiares da obra poética de Dagmar Destêrro: a simplicidade dos versos e a carga de angústia que emana de seus versos. Aprofundando essas noções básicas destacadas por Mário Meireles, o professor, poeta e crítico literário Carlos Cunha, em seu livro *As lâmpadas do sol* acrescenta que:

> Dagmar Destêrro e Silva consegue neutralizar o profundo pessimismo que a domina, uma característica para desequilíbrios emocionais, com essência religiosa de suas composições. Ela se liberta desses pesadelos transferindo a explicação dos acontecimentos para a órbita da religião, que penetra nos mistérios universais através de atitude de benevolência, onde o Bem supera o Mal, ao final das intempéries. Por isso, a esperança ainda constitui um ingrediente fetichista em suas elocubrações (CUNHA, 1980, pág. 52).

Além do conteúdo, parecem ser a linguagem poética e a imaginação artística de Dagmar Destêrro dois pontos que mais atraem a atenção dos estudiosos de sua obra. O romancista, crítico e historiador literário Assis Brasil é um dos que chama a atenção para o fato de que:

> [Dagmar Destêrro] mostra que sabe lidar com a linguagem poética com conhecimento de causa. Liberta do passado, faz ligeira reverência ao soneto, pois o domina para dar asas à imaginação criadora como um autêntico poeta (BRASIL, 1994, p. 149).

Clóvis Ramos, por sua vez, além de destacar os dotes poéticos da escritora, observa que ela não se limitou ao campo da poesia, tendo destaque também em outros gêneros textuais, conforme pode ser visto a seguir:

> Tendo começado sua carreira literária com poesia – Segredos Dispersos – enveredou pelo teatro e pelo ensaio, focalizando temas pedagógicos e jurídicos, e preparando biografias para crianças. Sua poesia comprova que o poeta participa, mais do que se imagina, dos problemas de seu tempo, e não é um simples espectador da vida moderna (RAMOS, 1993, pág. 52).

É possível perceber-se na leitura dos poemas escritos por Dagmar Destêrro que ela estava consciente da simplicidade formal e vocabular de seus versos e que ela colocava no papel um pouco de suas alegrias, de suas angústias e de seu modo de ver o mundo. Em Minha Poesia, ela deixa claro para o leitor seu modus operandi e sua concepção do fazer poético.

Minha poesia é simples
como simples é
minha realidade.
O essencial é que eu diga
o que sinto.
Já é difícil se entender
a vida em sua imensa
complexidade.
Escrever poesia é meu consolo
e a certeza de que em mim
não existe deserto
e nem mesmo aridez.
Em mim, espontânea,

a poesia nasce,
floresce, cresce
e surge de uma vez
Quando já nada em mim restar
de esperança,
realidade ou fantasia,
restará de vida
para a minha vida
a certeza de que jamais
vivi em vão.
Deixei ficar a minha poesia. (DESTÊRRO, 1995, pág. 21)

Importante destacar que Dagmar Destêrro foi também uma vigorosa prosadora, como pode ser visto no livro *Dois tempos em compasso de espera*, que contém dezesseis contos elaborados com maestria e nos quais a escritora trabalha bastante as relações interpessoais e as "fraturas" sociais, mesclando releituras do anedotário popular, como é o caso do conto *O papagaio e a infidelidade* conjugal, com tintas de um bem elaborado quadro de costumes com desfechos que remetem a uma visão neo-naturalista, como ocorre em *O trapezista*, narrativa cuja tessitura literária e o desfecho surpreendente já seriam o suficiente para colocarem nossa escritora no Pantheon dos grandes prosadores brasileiros do século XX.

Sobre o estilo e as temáticas dessa autora, em 05 de março de 2004, portanto, pouco mais de quatro meses antes de sua viagem para a eternidade, escrevemos no

jornal *O Estado do Maranhão* um breve artigo no qual se encontra a seguinte passagem:

> Mesmo em uma rápida e descompromissada leitura, é possível perceber-se a importância das palavras "vida" e "viver" no estro de Dagmar Destêrro, não se tratando, porém de um mero uso de duas palavras que podem trazer um efeito estético. Para a poetisa maranhense, tais palavras assumem um valor muito mais profundo. Um valor que remete à sua própria concepção de poesia (...) Em versos simples, a escritora oferece ao leitor verdadeiras lições de vida (...) São Poemas que, de um modo ou de outro, combatem o sentimento negativista que toma conta das pessoas e dão uma "injeção" de ânimo em quem se sente mais sofredor do que os demais seres humanos (NERES, 2004, pág. 04).[1]

Por uma dessas coincidências perpetradas pelo destino cerca de dois meses após a publicação do artigo no jornal, tive a oportunidade de conhecer pessoalmente a autora de Segredos Dispersos. Na época, a instituição de ensino na qual eu trabalhava decidiu fazer uma homenagem para a escritora. O professor e escritor Joaquim Gomes, à época coordenador do Curso de Letras, convidou-me para acompanhá-lo na visita na qual tentaríamos levar a poetisa para uma homenagem presencial no teatro da

1 Ver atigo completo no apêndice deste e-book, na página 35.

Faculdade. Ela estava voluntariamente reclusa há vários anos. Aquela visita era um verdadeiro presente para quem ama a poesia. Fomos bem recebidos e aproveitei a situação para entregar-lhe uma cópia do artigo. Ela recebeu carinhosamente, leu com calma aquelas linhas e me fez a dolorida pergunta: "Lá fora alguém ainda lembra de mim?"

Disse-lhe que ela era lida, querida e estimada. Um sorriso iluminou ainda mais aquele par de olhos bem azuis e ela decidiu aceitar a homenagem que lhe seria feita dias depois, com a única condição de não chover na data do evento. Aceitamos. Não havia previsão de chuva para aqueles dias. Mas uma tempestade se formou horas antes do encontro e ela comunicou que não poderia ir. Mesmo sem sua presença, houve a homenagem. Semanas depois, no dia 06 de agosto daquele ano de 2004, recebi a notícia do falecimento daquela escritora que tanto fez por nossas letras.

Hoje, senhoras e senhores, quase duas décadas depois, nesta data tão festiva, volto a responder à pergunta que me foi feita pela autora de Dois tempos em Compasso de espera naquele único e memorável encontro. Sim. Ela ainda é lembrada e é em sua homenagem que termino aqui minha fala e é para ela que peço agora uma salva de Palmas.

Boa noite!

REFERÊNCIAS

BRASIL, Assis. *A poesia maranhense no século XX.* Rio de Janeiro/São Luís: SIOGE/Imago, 1994.

CUNHA, Carlos. *As lâmpadas do sol*. São Luís: Fon-Fon, 1980.

DESTÊRRO, Dagmar. *Parábola do sonho quase vida.* São Luís: SIOGE, 1973.

_____. *Dois tempos em compasso de espera*. São Luís: SIOGE, 1991.

_____. *Seleta poética*. São Luís: Edições AML, 1995.

MORAES, Jomar (org.) *Perfis acadêmicos*. 4ª ed. São Luís: Edições AML, 1999.

NERES, José. *Dagmar: lições de vida.* In: O Estado do Maranhão, Opinião, 05 de março de 2004.

RAMOS, Clóvis. *As aves que aqui gorjeiam: vozes femininas na poesia maranhense.* São Luís: SIOGE, 1993.

SILVA, Dagmar Destêrro e; MEIRELES, Mário Martins. D*iscursos na Academia.* São Luís: Fundação Cultural do Maranhão, 1976.

Discurso de Recepção

Antonio Ailton Santos Silva

Cadeira nº 22
Patrono: Maranhão Sobrinho

Discurso de Recepção

Discurso proferido na noite de 10 de agosto de 2021, no auditório do Palácio Cristo Rei, São Luís - Maranhão

Só a esperança anima a travessia;
[...]
No embrião da vida, no tempo, avanço.

(Dagmar Destêrro. Corrida. Pedra-vida, 1979)

"Os meus versos dão muito mais valor
Às lágrimas suadas pela mão
De um pobre e sofrido trabalhador
Que às gotas perfumadas de paixão."

(José Neres. Soneto 1. A dor sangra em nosso olhos, 2019)

Escritor, professor-pesquisador José Neres, saudação.
Sr. Presidente da Academia Ludovicense de Letras, Daniel Blume,
Confrades e confreiras; Autoridades;
Ilustres convidados,
Senhoras e Senhores,

Talvez, depois do amor e da misericórdia, a gratidão seja o sentimento mais sublime, este reconhecimento íntimo de um bem ou uma dádiva concedida. E este é um desses momentos de agradecer. Agradecer pela vida, por esta possibilidade de esperança, que está sempre à frente, como luz de toda travessia, agradecer todos os dias e no tempo, porque

nos é oferecida uma longa estrada para avançarmos e crescermos.

Isto para passar a dizer, de modo mais específico, nesta noite, que estou grato por estar participando ativamente deste importantíssimo ritual, a convite do escritor e professor-pesquisador José Neres, que muito honrosamente me concedeu esta oportunidade de falar em nome desta Casa para recebê-lo, eu que sou também ainda um tímido recém-chegado, praticamente saído dos cueiros do Parto para a sala, mas que encaro com efusiva alegria essa oportunidade ímpar de estar ao batente de entrada, de braços abertos a um irmão, para dizer: seja bem-vindo, confrade José Neres. Seja bem-vindo ao sodalício, ao labor e à confraria – isto é, ao convívio fraterno – da Casa de Maria Firmina dos Reis, para ser o primeiro ocupante da cadeira 38, patroneada pela também grande poeta Dagmar Destêrro e Silva, um dos pilares da moderna literatura do Maranhão.

Repito aqui, sem pudor de pedir de empréstimo tão certeiras palavras, o que foi dito por nossa confreira Ceres Costa Fernandes, no discurso de recepção de José Neres numa outra Casa, a Academia Maranhense de Letras, onde este agora nosso confrade já tem assento solidificado e imortalidade na cadeira 36, de Tasso Fragoso: "Estas gloriosas portas foram, na verdade, abertas pelo vosso talento, pela cultural e multiforme bagagem que trazeis

convosco: as obras editadas, as alongadas pesquisas e os estudos efetuados, e, principalmente, na apreciação, na crítica e divulgação dos numerosos autores maranhenses a quem tendes dedicado grande parte da vossa, não tão longa, mas intensa vida intelectual".

Dito isto, é preciso fazer saber a quantos ainda não o conhecem mais de perto, que José Ribamar Neres Costa traz no nome a sacralidade simbólica e imaginária da sua cidade natal, onde nasceu no dia 17 de fevereiro de 1970, em família de mãe humilde e de pai pescador – marcas que dizem respeito a tantos do seu lugar de origem –, mas criou-se e recebeu a primeira educação formal pelas mãos e carinho de um casal de tios, tendo sido levado para Brasília, após dificuldades e morte de duas de suas irmãs. Estudou seu primário no Gama (DF), e depois em Luziânia, Goiás. Nas palavras do próprio Neres, sua alfabetização se deu não por via do ba a bá, be e bé..., como era costume, mas lendo poemas de Ledo Ivo, Mario Quintana, Gullar, Cecília Meireles..., o que certamente lhe abriu outros caminhos, o campo de leituras e o fez ter um carinho especial pelas letras. Diz ele: "Os lugares mais marcantes em minha vida e em minha formação sempre foram minha casa (nunca fui de sair muito), as escolas que frequentei e as bibliotecas (sempre fui frequentador de bibliotecas, esperava a hora do intervalo para folhear livros)". Desse início, já podemos ter a noção da alta

competência de linguagem e bagagem intelectual que faz parte da vida desse acadêmico.

De sua infância e adolescência, Neres, como chamado entre os mais próximos, recolheu a inspiração para escrever seu livro "Sombras na Escuridão", trazendo à narrativa alguns personagens marcantes desse momento. Lembra também de alguns de seus professores marcantes de seus estudos secundaristas, principalmente os inovadores no ensino da gramática, como a freira italiana Profa. Umbelina, o Prof. Juarez Pinheiro e o Prof. José Luís Carvalho dos Santos, que conseguia utilizar músicas para ensinar gramática e redação na antiga Escola Técnica, lembrando aqui dessa Escola tão importante para muitos de nós, seus novos confrades.

A grande fortaleza desse incansável homem das Letras, porém, foi e continua sendo, creio, sua vital relação com a literatura, no que diz respeito ao estudo, à criação da prosa e poesia, e à produção a partir do universo acadêmico-educacional, principalmente no que diz respeito à cultura e ao cenário maranhense: "Quando cheguei aqui no Maranhão de volta, depois de um exílio involuntário e inconsciente, descobri que eu nada sabia sobre minha própria terra. Mergulhei em bibliotecas. Li quase tudo que estava disponível sobre literatura e cultura do Maranhão. Isso fez com que despertasse em mim o senso de pesquisa e de um olhar mais aguçado

para detalhes aparentemente imperceptíveis", diz ele, em entrevista a mim concedida.

Neres entrou no Curso de Letras da Universidade Federal do Maranhão - UFMA em 1991, saindo em 1995, e foi ali que construiu suas bases acadêmicas, iniciou talvez sua mais forte relação afetiva, familiar, conheceu parceiros e parceiras que seriam amigos fundamentais para as trilhas traçadas, como o parceiro de trabalho Dino Cavalcante, com participa de grupos de estudos e com quem publicou várias obras, como *O Discurso e as Ideias* (2002), *Os Epigramas de Artur* (2003), *O Século XX e a Literatura Maranhense* (2016) e a revitalização do artigo *A Literatura Maranhense* (de autoria de Reis Carvalho, e que precisava de uma retomada). Deste então, não parou mais sua vida acadêmica: fez graduação em História, várias especializações, em áreas diferentes, desde Metodologia do Ensino de Português passando pela Pedagogia, até a Educação Ambiental e Sustentabilidade, depois Mestrado em Educação e Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional, para onde levou, como estudo, uma face ecológica da poesia de José Chagas.

Ao passar do curso de Construção Civil, na Escola Técnica, pelas áreas de Letras e escritas, História, Esporte, Radialismo, Engenharia, quer como cursos, completados ou não, e/ou como práticas pessoais, um homem que vai

da linguagem à técnica, do amor à matemática ao amor à poiese, açambarcando também educação e atividade ambiental, José Neres emerge propriamente como um sujeito em trânsito, "ser em trânsito", que se somam aos seus já percursos de vivências, lugares e estradas: traços e trilhas que certamente deixam sua parte de contribuição e ampliação das possibilidades do mundo, dentro daquilo que ele nos oferece para abraçar, viver, usufruir e partilhar, que não precisamos estar amarrados aos recortes, aos segmentos e especialidades. Trata-se, portanto, de um humanista que nos faz lembrar das primeiras formas de saber, dentro daquele holos grego, que aponta para a visão e a inquirição de um mundo uno e integrado.

Em relação à suas publicações, entre obras individuais e parcerias, José Neres tem cerca de 20 livros publicados, além de inúmeros artigos, participações em livros. Em suas publicações podemos encontrar *Negra Rosa & Outros Poemas* (1999;2003), *A Mulher de Potifar* (2002) e, do mesmo ano, *Poemas de Desamor; Estratégias para Matar um Leitor em Formação* (2005), Resto de Vidas Perdidas, livro de contos sobre a realidade das ruas, com inovações formais, que recebeu o Prêmio Odylo Costa, filho/ XIX Concurso Cidade de São Luís, 2005 – publicado pela FUNC em 2006; o sarcástico *50 Pequenas Traições* (2007), *Montello, o Benjamin da Academia* (2010), o já citado *Sombras na Escuridão* (2013), *Lousa*

Rabiscada (2012), *Na Trilha das Palavras* (2015), *A Dor Sangra em Nossos Olhos* (2019), e como se disse outros tantos em parceria, cabendo citar, no mínimo, *O Maranhão e Século XX*, com Dino Cavalcante (2016), e *Um Maranhão Chamado Sobrinho,* com Dino Cavalcante e Samara Araújo, ambos publicados pela UFMA.

Em suas atividades do magistério, consequência praticamente natural de uma vida dedicada, como vemos, às Letras e à Cultura, José Neres tem seu nome já no Ensino Médio e em diversas IES. Passou pela Faculdade Atenas Maranhense, adquirida pelo grupo Pitágoras, em 2011, e pela própria UFMA, onde frequentemente tem trabalhado com Literatura Maranhense, inclusive em grupos de pesquisa. No que diz respeito propriamente ao magistério, é notório que aqueles que com ele aprendem sempre o consideram como um mestre. Não apenas no sentido da titulação, da instrução ou da transmissão de conhecimentos, mas naquele sentido de que fala George Steiner no *Lições do Mestres* (2005), daquele que é capaz de modificar o destino de alguns e transformar vidas, como parte de sua contribuição de saber, sabedoria, e sensibilidade.

Mas um homem é, sobretudo, aquele que é para os de sua intimidade, em sua casa, em sua família, num futebol de domingo, quando ele é aquela figura não lendária, quase anônima, que compra pão na padaria do seu

bairro na segunda de manhã, o homem das horas livres. Esperamos irmanar-nos também a esse homem, marido da professora, escritora e atriz linda Barros e pais de Laura, estudante de Psicologia, e Gabriel, jornalista, ambos já inseridos nos mundos da escrita, como os pais. E para além das atribuições, das necessárias responsabilidades e tarefas, das reuniões acadêmicas, esperamos irmanar-nos também com esse homem simples, que lê, estuda, pratica esportes e sonha com dias melhores, pois esta é a grande soma e o grande espírito que aglutina a todos na fraternidade da mesma vida.

A Academia de Ludovicense de Letras, esta jovem mas batalhadora Casa de Maria Firmina dos Reis, o recebe, portanto, ilustre acadêmico, professor e escritor José Ribamar Neres Costa, na honra e na certeza de contar não apenas com sua elevada contribuição, com o seu empenho pela memória e engrandecimento dela, ou pelo resgate e memória de sua patrona na cadeira 38, Dagmar Desterro e Silva, mas também de contar com sua fraternidade e seu amor por esse pertencimento. Seja bem-vindo, confrade, à posse do bem e da imortalidade que você mesmo conquista, e que está além do que pode ser escrito. Meu abraço, um abraço coletivo, que o recebe para sua Cadeira, em nome de todos os confrades e confreiras que fazem esta jubilosa Academia.

APÊNDICE

Artigo Dagmar: Lições de Vida, publicado no jornal *O Estado do Maranhão*, em 05 de março de 2004.

Uma das raras fotos de Dagmar Destêrro
disponível na internet e que faz parte
também do livro Seleta Poética

Dagmar: Lições de Vida

José Neres

Dagmar Destêrro é, sem sombra de dúvida, uma das grandes expressões femininas na poesia maranhense do século XX. Em seus versos, o leitor pode encontrar, ao mesmo tempo, leveza, filosofia, conforto espiritual, esperança e, principalmente, Vida. Vida com todos os matizes poéticos que alguém poderia explorar.

Há, em todas as literaturas, os poetas que se dedicam a escrever sobre a Morte, transformando-a em um dos temas mais recorrentes das letras mundiais. Os ambientes noturnos, os sofrimentos, as dores e as angústias humanas povoam inúmeros versos e serviram de mote para algumas das mais belas páginas da poesia universal. Mas, em Dagmar Destêrro, o que se encontra é um fluxo vital invadindo o campo lírico e levando o Homem à reflexão sobre si próprio.

Por ocasião da passagem do 70º aniversário da autora de "*Canto do Entardecer*", seus confrades da Academia Maranhense de Letras publicaram uma "Seleta Poética" contendo alguns de seus mais significativos poemas já publicados e outros inéditos. Em apenas 64 páginas, pode-se ter um panorama da vasta obra lírica de uma mulher que reconhece, poeticamente, as agruras da

existência humana, os sofrimentos provocados pelo meio e os conflitos internos e externos que atormentam a alma humana, mas mesmo assim diz: "pouco importa, porém, o meu calvário,/ desde que eu saiba dar às criaturas/ um muito de sorriso e de alegria".

Mesmo em uma rápida e descompromissada leitura, é possível perceber-se a importância das palavras "vida" e "viver" no estro de Dagmar Destêrro, não se tratando, porém de um mero uso de duas palavras que podem trazer um efeito estético. Para a poetisa maranhense, tais palavras assumem um valor muito mais profundo. Um valor que remete à sua própria concepção de poesia. A própria escritora afirma: "Minha poesia é simples/ como simples é a minha realidade" e depois comenta: "Escrever poesia é meu consolo/ e a certeza de que em mim/ não existe deserto/ e nem mesmo aridez. Ou seja, a poesia é um reflexo da própria razão de viver. Ela chega mesmo a declarar, no poema "Dom da vida": "Extasio-me ante o belo/ e vivo a poesia".

A recorrência lexical, que pode ser vista em alguns poetas como um meio artificial de conquistar um tônus temático, ganha, na obra de Dagmar Destêrro, um ar de naturalidade. Ela não força a palavra para uma adequação contextual. São o próprio ritmo de seus poemas e o campo semântico abordado que exigem a presença de termos que passem a ideia de clareza e vivacidade.

Em versos simples, a escritora oferece ao leitor verdadeiras lições de vida (inclusive há um poema da autora com o título de "Lição de vida"). São poemas que, de um modo ou de outro, combatem o sentimento negativista que toma conta das pessoas e dão uma "injeção" de ânimo em quem se sente mais sofredor do que os demais seres humanos. Uma de suas mensagens mais significativas é a que diz que "não basta apenas viver/ é preciso sentir a vida/ em sua essência/ vivê-la em profundidade. Isto é, viver ultrapassa os limites do simplesmente existir e exige uma certa sensibilidade, afina de contas "ser é viver".

Dona de imagens poéticas de impacto, mas sem recorrer a um vocabulário esdrúxulo, a autora de "Segredos Dispersos" tem consciência de que "nada somos", mas mesmo assim é preciso adubar "com meu amor/ o meu pedaço de terra", já que "no entardecer da vida (...) o importante é transmitir experiência". Uma verdadeira lição de vida... e de Poesia.

Caderno iconográfico

A Academia Ludovicense de Letras
Convida para a Solenidade de Posse dos escritores

Jadir Machado Lessa
(Cadeira 37) patronada por Maria da Conceição Neves Abaud

e

José Neres
(Cadeira 38) patronada por Dagmar Destêrro e Silva

com recepção dos acadêmicos Sanatiel de Jesus Pereira
e Antônio Ailton Sousa e Silva respectivamente.

Data: 10 de agosto de 2021 (terça-feira)
Horário: 19:00 horas
Local: Palácio Cristo Rei (Praça Gonçalves Dias - São Luís/Centro)

Traje: Passeio

Convite oficial da posse dos novos acadêmicos: José Neres e Jadir Machado Lessa

Foto oficial dos acadêmicos da Academia Ludovicense de Letras:
(fileira de trás): Roberto Franklin, Antonio Ailton, Dilercy Adler, Daniel Blume, Jucey Santana e Bruno Tomé Fonseca. **(fileira da frente)**: João Batista Ribeiro, Clores Holanda, Vavá Melo, Ana Luiza Almeida Ferro, Ceres Costa Fernandes, José Neres, Sanatiel Pereira, Jadir Lessa e Irandi Marques Leite

Daniel Blume (Presidente da Academia Ludovicense de Letras, com os novos acadêmicos: José Neres e Jadir Machado Lessa, acompanhados da professora e escritora Sonia Almeida

Os novos empossados emoldurados pela presença dos acadêmicos Vavá Melo, Daniel Blume e escritor Carlos Furtado, presidente da Academia Maranhense de Ciências, Letras e Artes Militares (AMCLAM)

Jadir Lessa (Cadeira 37) e José Neres (Cadeira 38), os novos membros da Academia Ludovicense de Letras

José Neres recebendo o diploma das mãos do Presidente da ALL, Daniel Blume

José Neres, ladeado pela escritora Linda Barros e a advogada Wirajane Barros

José Neres recebendo as insignias acadêmicas das mãos do escritor José Ewerton Neto

José Neres com o o professor e poeta Manoel Correia e a escritora Linda Barros

José Neres durante a leitura de seu discurso de posse

José Neres recebe o capelo acadêmico das mãos da professora, escritora e vice-presidente da Academia Ludovicense de Letras Ceres Costa Fernandes

José Neres, ao lado de seus familiares, os filhos Laura Barros Neres, Gabriel Barros Neres e a esposa Linda Barros

O professor, poeta e acadêmico Antonio Ailton Santos Silva, durante a leitura de seu discurso de recepção

José Neres com os acadêmicos Clores Holanda, Jadir Lessa e Daniel Blume

João Batista Ribeiro, Jucey Santana, Dilercy Adler e Irandi Marques Leite, membros da ALL

Sobre os autores

José Neres

José Neres é professor, escritor, tradutor e pesquisador sobre literatura, educação e meio ambiente. É graduado em Letras (Português/Espanhol), pela Universidade Federal do Maranhão, e em História (Uninter); especialista em Literatura Brasileira (PUC-MG), Pedagogia Empresarial e Educação Corporativa (Uninter), Metodologias do Ensino de Língua Portuguesa e Espanhola (UCAM), Educação Ambiental e Sustentabilidade (Uniter); mestre em Educação (UCB) e doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional (Uniderp). É autor, organizador e coautor de dezenas de livros e artigos em jornais e revistas locais, regionais e nacionais, entre suas publicações mais conhecidas estão *Negra Rosa & Outros Poemas*, *Restos de Vidas Perdidas*, *50 Pequenas Traições*, *Montello: O Benjamim da Academia*, *Estratégias para Matar um Leitor em Formação* e *Na Trilha das Palavras*. É membro da Academia Maranhense de Letras, da Academiam Ludovicense de Letras, da Sobrames e da Sociedade de Cultura Latina e membro-correpondente da Aicla.

Antonio Ailton Santos Silva

Antonio Ailton Santos Silva é professor, poeta, crítico literário e pesquisador. É graduado em Letras Português/Francês, pela Universidade Federal do Maranhão, especialista em Perspectiva Crítica da Literatura Contemporânea (UFMA), mestre em Educação (UFMA), e doutor em Teoria da Literatura, pela Universidade Federal de Pernambuco. Além de participar de diversas antologias, é autor de *As habitações do Minotauro, Humanologia do Eterno Empenho*, *Compulsão Agridoce*, *Os Dias Perambulados & Outros Tortos Girassóis, Cezir* e *Martelo & Flor: horizontes da forma e da experiência na poesia brasileira contemporânea*. É membro da Academia Bacabelense de Letras e da Academia Ludovicense de Letras, além de colaborador em periódicos e editor do suplemento literário *Sacada*, que é encartado mensalmente no Jornal Pequeno.